



PRÁTICAS INTEGRATIVAS: TROCAS DE SABERES E SEUS REFLEXOS NA COMUNIDADE AMAZONAS EM SALVADOR (BA)

*Integration practices: exchange of knowledge and its reflections in the
Amazonas community in Salvador (BA)*

Ana Maria Ferreira Menezes

Karina Dias dos Santos Mizuk

Maria de Fatima Hanaque Campos

Resumo

As práticas integrativas podem ser entendidas como ações participativas entre sujeitos com diferentes saberes e que possibilitam a ampliação da vitalidade comunitária. Salienta-se o objetivo deste artigo que se constitui em analisar as trocas de saberes na Comunidade Amazonas em Salvador (BA), advindas das práticas sociais. Assim, partindo de uma metodologia pautada na pesquisa-ação busca-se apreender acerca das trocas de saberes proporcionadas pela educação não formal e pela vitalidade comunitária; analisam-se as práticas integrativas e as trocas de saberes na Comunidade Amazonas a partir de indicadores da vitalidade comunitária; por fim, conclui-se com os principais argumentos desenvolvidos.

Palavras Chaves: Práticas Integrativas. Vitalidade Comunitária. Educação Não Formal.

Abstract

Integrative practices can be understood as participatory actions between subjects with different knowledge and that allow the amplification of community vitality. The objective of this article is to analyze the exchanges of knowledge in the Amazon Community in Salvador (BA), coming from social practices. Thus, starting from a methodology based on action research, it seeks to learn about the exchanges of knowledge provided by non-formal education and community vitality; We analyze the integrative practices and the exchange of knowledge in the Amazon Community based on indicators of community vitality; Finally, it concludes with the main arguments developed.

Keywords: Integrative Practices. Community Vitality. Non-formal Education.

Introdução

O presente artigo é resultado do projeto Vitalidade comunitária: um estudo sobre a comunidade Amazonas em Salvador (BA), que se constitui em um projeto de pesquisa e extensão multidisciplinar e interdepartamental, com abordagem metodológica pautada na pesquisa-ação.

Na nossa perspectiva de análise, a valorização do indivíduo e de suas potencialidades passa necessariamente pela cooperação, associação, solidariedade, noções que compõem as ações sociais e/ou práticas integrativas.

As práticas integrativas podem ser entendidas como ações participativas entre sujeitos com diferentes saberes e que possibilitam a ampliação da vitalidade comunitária. Assim, neste contexto salienta-se o objetivo do presente estudo que se constitui em analisar as trocas de saberes na Comunidade Amazonas em Salvador (BA), advindas das práticas sociais. Assim, partindo de uma metodologia pautada na pesquisa-ação busca-se apreender acerca das trocas de saberes proporcionadas pela educação não formal e pela vitalidade comunitária; analisam-se as práticas integrativas e as trocas de saberes na Comunidade Amazonas a partir de indicadores da vitalidade comunitária; por fim, conclui-se com os principais argumentos desenvolvidos.

Educação não formal e Vitalidade Comunitária como possibilidades de trocas de saberes

Na perspectiva das trocas de saberes a educação não formal tem um papel de suma importância, pois promove processos de compartilhamento de experiências em espaços comunitários. Assim, segundo Gohn (2014, p.35)

A educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Articulada com a educação cidadã, a educação não-formal volta-se para a formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s).

Quando falamos em educação, logo pensamos em escolas, mas esse não é o único espaço onde se produz saberes e conhecimentos e nem a única opção para uma formação holística do indivíduo. Se nas escolas trabalhamos basicamente com a educação formal, em casa, o processo de socialização do indivíduo se ampara na educação informal, enquanto que a educação não formal é construída nas ações

coletivas, principalmente nos movimentos sociais, cuja intenção é formar cidadãos do mundo, no mundo (GOHN, 2005).

A educação não formal traz uma concepção nova de relação escola-comunidade e amplia o espectro dos sujeitos em ação, pressupondo um trabalho conjunto entre pais, professores, gestores e funcionários, representantes de associações e organizações de bairros e entorno das escolas (GOHN, 2011), o que possibilita o estabelecimento de uma relação de troca de saberes.

Essa relação de troca de saberes, conhecimentos e experiências entre os sujeitos permite que o aprendizado se amplie a partir de saberes tácitos e explícitos que são correlacionados para promover ações coletivas eficazes. Essa construção de conhecimento ocorre de dentro para fora, ou seja, das demandas, necessidades, interesses e vocações dos sujeitos partícipes na busca de soluções para os problemas enfrentados no seu cotidiano, pois ninguém melhor do que eles próprios, que convivem com cada uma dessas situações diariamente, para identificar as prioridades, bem como propor alternativas viáveis a partir dos recursos existentes.

Partindo da responsabilidade social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que fica localizada em um bairro popular e que demanda desta Instituição ações extensionistas que possam contribuir para a mudança de um cenário de fragilidade social. Nesta perspectiva, elaboramos alguns projetos de pesquisa e extensão, com caráter multidisciplinar e interdepartamental, a exemplo dos projetos: Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno: processo de incubação de operadora de receptivos populares especializada em roteiros turísticos alternativos; e, Vitalidade comunitária: um estudo sobre a comunidade Amazonas em Salvador (BA), que se pautam em uma metodologia de pesquisa-ação e em função disto, utiliza-se a concepção de educação não formal como possibilidade de troca de saberes através de, principalmente, atividades de interação social entre professores, estudantes de graduação e de escolas públicas e comunidades.

No caso específico do projeto Vitalidade comunitária: um estudo sobre a comunidade Amazonas em Salvador (BA), pode-se identificar a presença de todos esses sujeitos participando de experiências de práticas interativas, que resultaram em trocas de saberes e estreitamento de seus laços de solidariedade.

A vitalidade comunitária examina se as relações entre os membros da comunidade são fortes ou fracas, utilizando os seguintes indicadores: laços de confiança, de cooperação, de reciprocidade, de solidariedade e o sentimento de pertencimento e de segurança, sejam nos relacionamentos familiares ou entre os amigos, para além dos trabalhos voluntários, da prática de doação e da participação

de grupos ou associações, já que a vitalidade comunitária se fortalece com valores como: cooperação, reciprocidade e solidariedade (ARRUDA, 2009).

Tendo este contexto como referência passa-se à análise das práticas interativas e trocas de saberes na Comunidade Amazonas em Salvador (BA).

Práticas integrativas e as trocas de saberes na Comunidade Amazonas em Salvador (BA)

A origem da Comunidade Amazonas, assim como grande parte do Cabula, faz referência a uma fazenda de laranjas (ARAÚJO, 2013). A Comunidade hoje denominada Amazonas, ou Rua Amazonas de Baixo, como está na escritura, já foi chamada de *É o Tchan* e também de *Timbalada*. Esses nomes foram dados em virtude do fato dos moradores da comunidade voltarem dos shows desses grupos musicais pediam ao motorista do ônibus para parar no ponto, chamando a comunidade por esses nomes, um, depois o outro, em momentos diferentes. Entretanto, os moradores mais antigos e mais velhos, não gostam dessas denominações, pois são vulgos policiais, já que a polícia se referia ao local dessa forma, sempre com sentido de confusão.

A discussão a respeito da mudança de nome para Comunidade Amazonas, segundo alguns dos moradores, decorre do fato de a comunidade ter no seu entorno uma reserva florestal muito parecida com a Mata Amazônica. No entanto, há burburinhos que a mudança do nome é uma forma de atenuar os preconceitos e o estigma que advém do seu nome de origem, assim como para apagar seu status de “favela”, dessa forma, tenta-se mudar o nome da Rua Timbalada para Rua Amazonas.

Sua localização geográfica fica situada no bairro do Cabula, entre a BR 324 e a Av. Luís Viana Filho (Av. Paralela). A Comunidade está assim delimitada: acima está a Rua Silveira Martins, onde também se localiza a UNEB, à direita, o Colégio de 2º Grau Governador Roberto Santos, à esquerda, fica a Lagoa da Pedreira (Lagoa do Paraíso) e abaixo está o 19º Batalhão de Caçadores (BC).

A comunidade Amazonas possui diversas instituições religiosas, como: Centro Espírita, Igreja Batista, Católica, Universal, Assembléia de Deus e terreiros, como o de Mãe Angélica, que abriga a Associação de Moradores da Vila Amazonas (Amovila), aonde os correios entregam as correspondências de mais de 120 famílias, não só em função da violência das ruas mais internas, mas também por que muitas casas não possuem CEP. Além dessa, existe a Associação de Moradores da Amazonas de Baixo – AMAB, devidamente registrada.

Entretanto, não existem espaços públicos para lazer, cultura e entretenimento na comunidade, principalmente para as crianças. Até mesmo por que, a Associação

Cultural e Recreativa da Rua Amazonas de Baixo (ASCRAMB) criada em 2010, com o objetivo de promover a cultura e a recreação nunca desenvolveu e não tem nenhum projeto a ser desenvolvido com a comunidade.

A equipe do projeto vitalidade comunitária iniciou as atividades na Comunidade Amazonas em 2015, através de contatos com lideranças que nos informou a respeito de três alunos da Escola Municipal Governador Roberto Santos e também de moradores da comunidade Amazonas, que fazem levantamento da memória da comunidade, orientados pelos seus professores. Procuramos esses professores no intuito de conhecer os projetos que estavam sendo desenvolvidos por esses alunos. A partir desse contato, fomos apresentados também às gestoras da escola, que foram muito solícitas e estiveram sempre presentes a partir de então. Ao conhecermos os três jovens pesquisadores e seus respectivos projetos, percebemos a importância daqueles trabalhos para a comunidade.

Esses contatos com lideranças, moradores, professores e alunos foram se dando de forma proativa visando o conhecimento da realidade local e demandas da comunidade. Neste sentido, o projeto utilizou-se de indicadores relacionados com a vitalidade comunitária, que levou ao desenvolvimento de atividades que possibilitam o fortalecimento das práticas interativas, que se constituem em ações participativas entre sujeitos com diferentes saberes e que possibilitam a ampliação da vitalidade comunitária. O desenvolvimento dessas atividades, no período de 2013 a 2016, vem construindo práticas associativas de trocas de saberes em contextos de educação não formal, que resultam em compartilhamento de experiências. Vejamos como isto ocorreu, a partir dos indicadores citados.

Laços de confiança

Depois de ser apresentada a um casal de líderes da comunidade Amazonas começamos a marcar reuniões para conhecer a comunidade. Aos poucos, um líder ia chamando o outro e o ciclo das lideranças ia se expandindo, ao mesmo tempo em que os laços de confiança iam se tornando cada vez mais fortes.

Esses laços foram fundamentais nas relações de troca e foram eles que permitiram a construção de um canal de comunicação que pudesse fornecer as informações sobre o dia a dia da comunidade. Foi esse ciclo que possibilitou que

conhecessemos, na época, o diretor da Associação de Moradores da Amazonas de Baixo (AMAB), atual presidente. O mesmo contou um pouco da história da associação e confessou o seu interesse em assumir a presidência da mesma, já que o presidente anterior não estava trabalhando em prol da comunidade.

Da mesma forma, tivemos contato com o presidente da Associação de Moradores da Vila Amazonas (AMOVILA), que nos narrou sobre as atividades desenvolvidas pela associação, que também abrigava mulheres violentadas, seja da própria comunidade ou fora dela. Em 2016, carregou a tocha olímpica na cidade de Salvador e enviou-nos um vídeo desse momento, demonstrando laços de confiança.

Reciprocidade

Um exemplo de reciprocidade que vem sendo desenvolvido por alguns líderes na comunidade pauta-se no recolhimento de notas fiscais com nossa participação. A coleta das notas é feita por meio de uma caixinha na Igreja Católica. Posteriormente, essas notas, organizadas de 25 em 25, em envelopes de 1.000, são enviadas para Pastoral de Curitiba. Como contrapartida, a comunidade recebe material didático, além de brindes.

Solidariedade

Um líder local é conhecido pelo desenvolvimento da ação denominada Projeto do Dia das Crianças. Ele coleta e distribui presentes para as crianças da comunidade no dia 12 de outubro, o que conta também com nossa participação.

Outra atividade está relacionada com a solicitação, do vice-presidente da AMAB, de apoiarmos algumas famílias da comunidade que estavam desamparadas, o que nos levou, em 2016, a atuar no sentido de arrecadarmos alimentos não perecíveis para compor cestas básicas para serem doadas à essas às famílias da Comunidade Amazonas.

Sentimento de Pertencimento

Esse sentimento é percebido na comunidade, principalmente por meio do resgate da sua memória. Um dos exemplos desse resgate está na resignificação do nome da comunidade.

O sentimento de pertencimento dos moradores da comunidade está relacionado com as diferenças existentes entre a rua Amazonas de cima e a rua Amazonas de baixo, pois, à medida que se desce para rua de baixo, até alcançar o

“Pistão”, que faz fronteira com a Mata do Cascão do 19º BC, as condições das moradias vão piorando. Outro aspecto relevante nessa comparação é o comércio local que está quase que totalmente concentrado na rua de cima. O que alimenta um sentimento de exclusão dos moradores da rua de baixo em relação aos da rua de cima, para além das transformações da rua principal como construções de

condôminos habitacionais, escolas, centros comerciais, além do desmatamento de uma grande parte da floresta local (OLIVEIRA, 2014).

Existe um projeto para transformar o antigo “campo de futebol” em uma praça, que poderia ser um espaço de lazer e entretenimento para todos os moradores da comunidade, com um Parque Esportivo e uma creche. Outro projeto já em andamento é o de revitalização da lagoa da Pedreira, que não é mais utilizada como antes para o banho e para a pesca. Além do espaço de lazer e entretenimento, também servirá de geração de renda para a comunidade. Esse projeto é fruto de uma parceria com a Bahia Pesca e a Associação de Pescadores.

Considerações Finais

A partir de uma concepção de educação não formal e de vitalidade comunitária desenvolveu-se atividades do projeto Vitalidade comunitária: um estudo sobre a comunidade Amazonas em Salvador (BA), que a partir dos indicadores laços de confiança, reciprocidade, solidariedade e sentimento de pertencimento pode-se salientar as trocas de saberes e seus reflexos na Comunidade Amazonas em Salvador (BA). A nossa participação vem se dando através do contado com lideranças, moradores, professores e alunos de escolas públicas, de forma a contribuir com a troca de saberes que possam fortalecer os práticas integrativas.

Assim, percebemos a força dos laços de confiança construídos com essa comunidade, a reciprocidade e o sentimento de pertencimento, bem como a oportunidade para criação de uma rede de solidariedade, que minimamente poderia gerar um fortalecimento de sua vitalidade comunitária para essa comunidade que tanto nos tem oferecido de experiências, saberes e conhecimentos.

Referências

ARAUJO, Kátia Soane Santos. A rádio da escola na escola da rádio: uma proposta de educação científica desenvolvida com alunos da Escola Municipal Roberto Santos/SSA-BA. Salvador (BA): Universidade do Estado da Bahia, 2015. Dissertação (Mestrado).

ARRUDA, M. As nove dimensões do FIB. São Paulo: Instituto Visão Futuro Parque Ecológico. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação* - II^a Série, Número 1, 2014, p. 35-50.

_____. *Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. 9^a Ed. São Paulo. Ed. Loyola, 2011.

_____. *Educação não-formal e cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Willians Martins de. As transformações estruturais da rua de cima e as problemáticas sócio espaciais da rua Timbalada. In: FEMMIC – 12^a Feira dos Municípios e 3^a Mostra de Iniciação Científica. Catu (BA): Instituto Federal Baiano, 2014.